

## *A Propósito da Conjuntura Atual*

*Alain Badiou\**

*Tradução: Matheus Lisbôa Matarangas\*\**

*Revisão: Gustavo Chataignier\*\*\**

---

\* Professor emérito dos departamentos de filosofia da École Normale Supérieure (ENS) de Paris e da universidade Paris 8.

\*\* Mestre em Comunicação Social pela PUC-RJ. matheuslbmt@gmail.com

\*\*\* Doutor em Filosofia pela Universidade Paris 8. Acadêmico da Universidad Católica del Maule, Chile.

Uma avaliação política racional acerca da conjuntura vigente se tornou uma verdadeira raridade. Entre a asserção catastrófica da parte mais involuntariamente religiosa da ecologia (estamos próximos ao Juízo Final) e as fantasmagorias de uma esquerda desnorteada (somos contemporâneos de "lutas" exemplares, de "movimentos de massa" irresistíveis, e do "colapso" do capitalismo liberal em crise), a orientação racional se evade, e uma espécie de caos mental, seja ele ativista ou desencorajado, instala-se em toda parte. Eu gostaria de introduzir aqui algumas considerações, ao mesmo tempo empíricas e prescritivas.

Em uma escala quase global, há alguns anos, sem dúvida desde o que foi chamado de "primavera árabe", estamos em um mundo prenhe de lutas, mais precisamente: mobilizações e reagrupamentos de massa. Proponho dizer que a conjuntura geral está marcada, subjetivamente, pelo que chamarei de "movimentismo"<sup>1</sup>, ou seja, a convicção amplamente difundida que importantes reuniões populares irão, indubitavelmente, alcançar mudanças conjunturais. Vemos isso de Hong-Kong a Argel, do Irã à França, do Egito à Califórnia, do Mali ao Brasil, da Índia à Polônia, e em muitos outros lugares e países.

Todos estes movimentos, sem exceção, me parecem ter três características:

1. Eles são heterogêneos em sua origem social, seu pretexto de revolta, e suas convicções políticas espontâneas. Este aspecto multifacetado esclarece também seus números. Estes não são de grupos de trabalhadores; ou manifestações do movimento estudantil; ou revoltas de lojistas esmagados por impostos; ou protestos feministas; ou profecias ecológicas; ou dissidências regionais ou nacionais; ou protestos do que denominam imigrantes e que eu chamo de proletários nômades. Trata-se

---

<sup>1</sup> No original: "mouvementisme". N.T.

de um pouco de tudo isso, sob a dominação puramente tática de uma tendência dominante, ou de diversas delas, de acordo com os lugares e as circunstâncias.

2. Resulta deste estado de coisas que a unidade destes movimentos é, e só pode ser no atual estado das ideologias e das organizações, estritamente negativa. Esta negação certamente diz respeito a realidades díspares. Podemos nos revoltar contra as ações do governo chinês em Hong Kong, contra a tomada do poder por grupos militares em Argel, contra o controle da hierarquia religiosa do Irã, contra o despotismo individual no Egito, contra as ameaças de reação nacionalista e racial na Califórnia, contra a ação do exército francês no Mali, contra o neofascismo no Brasil, contra a perseguição de muçulmanos na Índia, contra a retrógrada estigmatização do aborto e de sexualidades não convencionais na Polônia, e assim por diante. Mas nada, em particular nada que seja uma contraproposta geral, está presente nesses movimentos. No fim das contas, na ausência de uma proposta política comum que seja claramente livre das restrições do capitalismo contemporâneo, o movimento termina por exercer sua unidade negativa contra um nome próprio, em geral aquele do chefe de Estado. Passar-se-á do grito “Moubarak vaza” ao de “Bolsonaro fascista no olho da rua”, passando por “Modi racista, vá embora”, “Fora Trump!”, “Bouteflika, se aposente”.
3. Sem esquecer, naturalmente, as invectivas, anúncios de demissão, e as estigmatizações pessoais, do nosso alvo natural, aqui, que não é outro senão o pequeno Macron. Proponho, então, dizer que todos esses movimentos, todas

essas lutas são definitivamente "vazamento"<sup>2</sup>. Queremos que o dirigente empossado vaze, sem possuir a menor ideia de quem irá substituí-lo ou de que procedimento, supondo que de fato saia, garantirá uma mudança na situação. Em resumo, a negação, que unifica, não carrega ela própria nenhuma afirmação, vontade criadora alguma, concepção ativa alguma de análise das situações e do que pode ser, ou deve ser, um novo tipo de política. Por falta de tudo isso, chegamos, é o sinal do fim dos movimentos, a esta forma última de sua unidade, que é a de se erguer contra a repressão policial de que foi vítima, as violências policiais que devem ser enfrentadas. Em resumo, a negação da sua negação pelas autoridades. Eu já conheci isso em maio de 68, onde por falta de afirmações comuns, ao menos no início do movimento, gritávamos nas ruas "CRS, SS!"<sup>3</sup> <sup>4</sup>. Na época, felizmente, em seguida à primazia do negativo rebelde, surgiram coisas mais interessantes, mas à custa, é claro, de um embate entre concepções políticas opostas, entre afirmações distintas.

4. Hoje, em termos de duração, todo o movimentismo planetário resulta apenas numa manutenção reforçada do poder estabelecido, ou em meras mudanças de fachada que podem se mostrar piores do que aquelas contra as quais nos rebelamos. Moubarak vazou, mas Al Sissi, que o substituiu, é uma outra versão, quiçá pior, do poder militar. A influência chinesa em Hong Kong acabou por ser reforçada, com leis

---

<sup>2</sup> No original: "dégagisme". N.T.

<sup>3</sup> CRS: Sigla que se refere às *Compagnies Républicaines de Sécurité*, forças de reserva da polícia francesa.

<sup>4</sup> SS: *Schutzstaffel*, forças paramilitares de elite na Alemanha nazista.

mais próximas daquelas de Pequim, e aprisionamento massivo dos revoltosos. A camarilha religiosa no Irã permanece intacta. Os reacionários mais ativos, como Modi ou Bolsonaro, ou a claque clerical polonesa, estão muito bem, obrigado. E o pequeno Macron conta com mais vigor eleitoral hoje, com 43% de opiniões favoráveis, não apenas se comparado ao início das lutas e movimentos, mas também levando-se em conta seus predecessores, os quais, seja o muito reacionário Sarkozy, ou o pretenso muito socialista Hollande, na mesma altura de seus mandatos em que Macron se encontra hoje, possuíam cerca de 20% de aprovação.

Uma comparação histórica se impõe. Entre os anos de 1847 e 1859, ocorreram, em boa parte da Europa, grandes movimentos operários e estudantis, grandes levantes de massa, contra a despótica ordem estabelecida após a Restauração de 1815 e sutilmente consolidada após a revolução francesa de 1830. Na falta de uma ideia firme do que poderia ser, para além de uma inflamada negação, a representação de uma política essencialmente diferente, toda a efervescência das revoluções de 1848 serviu apenas para inaugurar uma nova sequência regressiva. Notavelmente, na França, o resultado foi o interminável reino de um típico representante do capitalismo nascente, Napoleão III, ou, segundo Victor Hugo, Napoleão, o pequeno.

Entretanto, em 1848, Marx e Engels, que haviam participado das revoltas na Alemanha, tiram lições de todo este caso, seja em textos de análise histórica, como o fascículo intitulado "As lutas de classes na França", seja no manual, enfim afirmativo, que descreve de certa maneira para sempre o que deve ser uma política inteiramente nova, cujo título é "Manifesto do Partido Comunista". É em torno desta construção afirmativa, carregando o "manifesto" de um Partido que não existe, mas que *deve* existir, que se inicia, no longo prazo, uma outra história da

política. Marx irá reincidir ao tirar, vinte e três anos mais tarde, lições de uma admirável tentativa, a qual falta, uma vez mais, para além de sua heroica defensiva, a organização eficaz de sua unidade afirmativa, nomeadamente a Comuna de Paris.

Claramente, nossas circunstâncias são bem diferentes! Mas creio que tudo gira, hoje, em torno da necessidade que os termos de ordem negativa e as ações defensivas sejam finalmente subordinados a uma visão clara e sintética de nossos próprios objetivos. E estou convencido de que, para conseguir isso, é necessário, em todo caso, nos lembrarmos daquilo que Marx declarou ser o resumo de todo seu pensamento. Resumo certamente também negativo, mas em escala tal que só é apoiado por uma afirmação grandiosa. Trata-se das palavras de ordem "abolição da propriedade privada".

Quando observadas de perto, expressões de ordem como "defesa de nossas liberdades" ou "contra a violência policial" são estritamente conservadoras. A primeira subentende que temos, na ordem estabelecida, verdadeiras liberdades a serem defendidas, enquanto nosso problema central deveria ser que, sem igualdade, a liberdade é apenas uma ilusão. Como o proletário nômade desprovido de documentos legais, e cuja chegada até nós é uma epopeia cruel, poderia se considerar "livre" no mesmo sentido que o bilionário detentor do poder real, proprietário de um avião privado e seu piloto, e protegido pela frente eleitoral de seu representante no Estado? E como imaginar, se somos revolucionários consequentes, se temos o desejo afirmativo e racional de um mundo diverso daquele que nos compete, que a polícia do poder estabelecido possa ser sempre amável, cortês e pacífica? Que ela diga aos revoltosos, alguns encapuzados e armados: "O caminho para o Palácio do Eliseu? A grade grande, na rua à direita"?

Melhor seria retornar ao cerne da questão: a propriedade. A palavra de ordem unificadora geral pode ser imediatamente,

afirmativamente: "coletivização de todo o processo de produção". Seu correlato negativo intermediário, de uso imediato, pode ser: "abolição de todas as privatizações decididas pelo Estado após 1986". Quanto a uma boa palavra de ordem puramente tática, que dê trabalho àqueles dominados pelo desejo de negação, esta poderia ser: nós nos instalamos no local de um importante serviço do Ministério de Economia e Finanças, nomeado: Comissão de participações e transferências. Façamo-lo sabendo que este nome esotérico "participações e transferências" é apenas a transparente máscara da *Comissão de privatização*, criada em 1986. E saibamos que permaneceremos nesta comissão de privatização até o desaparecimento de toda forma de propriedade privada relativa, direta ou indiretamente, a um bem comum.

Ao simplesmente popularizar esses objetivos, tanto estratégicos quanto táticos, nós abriríamos, então, acreditam, uma nova era, após aquela de "lutas", de "movimentos", e de "protestos", cuja dialética negativa está em vias de se esgotar, e de nos esgotar. Nós seríamos os pioneiros de um novo comunismo de massa cujo "espectro", para falar como Marx, voltaria a assombrar não apenas a França ou a Europa, mas o mundo inteiro.